

Tebas Land

Direção Artística e Encenação **Rubén Sabbadini**

Dramaturgia **Sergio Blanco**

CCB . 13 a 16 de novembro . 20h00 . Black Box

Quinta e sexta às 20h00 . sábado às 19h00 . domingo às 17h00



Ficha Artística

Direção Artística e Encenação **Rubén Sabbadini**

Dramaturgia **Sergio Blanco**

Atores **Vítor de Andrade e Cláudio de Castro**

Cenografia e Desenho de Luz **Tiago Cadete**

Vídeo **Pedro Paiva**

Direção de Produção e Gestão **Marta Moreira / Esquema Irreal**

Produtora Executiva **Daniela Leitão**

Tradução **Marta Moreira**

Coprodução **Centro Cultural de Belém**

Apoio **Embaixada de Uruguai em Portugal, ZDB 8 MARVILA**

Apoio Institucional **Projeto Financiado pela República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes**

A primeira pergunta que coloco, e que vos coloco, neste contexto político em que vivemos, é:

Qual é a terra do Teatro?

Esta pergunta desperta e convida a pensar, desde as profundezas da história até ao presente, se certos nacionalismos colaboram ou reprimem o impulso de vida e de morte que, em última instância, caracteriza, o Teatro.

Sou um artista das artes cénicas argentino. Estreio em Portugal um autor uruguaio, que, por sua vez, escreveu uma versão contemporânea sobre o mito de Édipo — mito grego fundador do teatro ocidental. Faço esta ressalva sobre o teatro ocidental para assinalar que, antes de chegar a Portugal, a peça já foi estreada em lugares tão diferentes como no Japão, na Coreia do Sul, no Brasil e na Argentina – apenas para citar alguns dos 20 países onde foi encenada.

É-me evidente que, nestes tempos de nacionalismos exacerbados em que o Estrangeiro é apontado como Inimigo (sim, nestes tempos em que acreditamos que tínhamos superado o fascismo), torna-se mais necessário do que nunca estreitar esta peça. *Tebas Land* fala justamente da educação na violência e da repetição dos ciclos de violência que, há séculos, nos submetem ao medo do que é diferente; esse estranho, esse estrangeiro, esse inimigo em que transformamos um filho, um pai, a sociedade, o nosso país e também o Teatro.

Faço esta grande introdução para dizer que sinto fervorosamente que a «Terra do Teatro» não está delimitada por fronteiras que excluem, mas sim por um espaço onde, paradoxalmente, a ficção se entrelaça com a realidade e a realidade com a ficção. Essa terra estranha onde o simbólico se une ao material é a «Terra do Teatro» — ou seja, a minha terra, a nossa terra e a terra de todos os que querem participar. Uma terra em constante disputa estética e ética, onde o teatro, como um grande espelho, reflete onde estamos, aqui e agora, como sociedade.

Rubén Sabbadini

Sinopse

Um dramaturgo entrevista um parricida num campo de basquetebol de uma prisão. O dramaturgo convida o parricida a interpretar-se a si mesmo numa peça de teatro. Quando as autoridades prisionais impedem o parricida de contar a sua própria história numa peça teatral, o dramaturgo convoca um ator para interpretar o parricida.

A encenação tem a particularidade de o personagem do parricida e o ator que o interpreta serem representados pelo mesmo ator. Ao mesmo tempo, o personagem do dramaturgo conta a história em dois planos narrativos: a prisão onde se desenvolve a ficção e o teatro onde a ficção é representada, utilizando este procedimento para atualizar o mito de Édipo no teatro contemporâneo.

Neste jogo de espelhos e múltiplos planos narrativos, *Tebas Land* toma a figura do mito ocidental de Édipo para questionar a fronteira entre realidade e ficção. A peça propõe um debate poético para evidenciar um dos temas centrais do teatro contemporâneo: o conflito entre Apresentação e Representação.

Tebas Land é a primeira obra da Trilogia Sul Americana, projeto do encenador argentino Rubén Sabbadini, que se propõe a traduzir e encenar textos centrais do teatro contemporâneo latino-americano.

Seminário com Rubén Sabbadini

O texto como matéria: ferramentas técnicas para o trabalho com o texto contemporâneo

CCB . 14 nov . sexta-feira . das 15h00 às 18h00 . Sala Lopes-Graça . entrada livre

O seminário propõe uma imersão prática na relação entre voz, palavra e interpretação, através de exercícios técnicos centrados na expressividade vocal e na intensidade do texto.

Destinado a atores, estudantes de teatro, bailarinos, escritores, profissionais das artes cénicas e público em geral, o encontro explora a palavra como ponto de partida para a criação artística, trabalhando textos de autores contemporâneos portugueses.

Ao longo da sessão, os participantes serão convidados a descobrir as ações e emoções que um texto encerra, a reconhecer as marcas autorais que orientam a atuação e a compreender o texto como um território de estados emocionais e coordenadas espaço-temporais. Através de leitura, análise e prática intensiva, o seminário convida cada intérprete a mergulhar na sonoridade da palavra e a utilizá-la como fundamento da sua presença em cena.

Seminário com Sergio Blanco

Autoficção: o Desvanecimento do Eu

CCB . 15 nov . sexta-feira . 14h00 às 18h00 . Sala Lopes-Graça . entrada livre

A *Autoficção: o Desvanecimento do Eu* é um seminário coordenado, articulado e dirigido por Sergio Blanco em torno do tema da autoficção nas artes cénicas e dos múltiplos desafios, riscos e problemáticas que o ato de dizer-se em cena implica e propõe.

O seminário tem como objeto de estudo o tema da autoficção cénica e as suas diversas formas de execução — desde a autorepresentação até à autobiografia, passando pela autofiguração, autonarração, autoreferência, autoencarnação e autorelato.

A partir do estudo de alguns textos fundamentais que inauguram o género da escrita de si — por meio da utilização de um «eu» que se confessa a um leitor potencial — o seminário procura investigar as possibilidades poéticas que se ativam quando um «eu» decide

enunciar-se, fazendo da própria experiência vivida o seu principal suporte de criação e intervenção, ao propor distintas formas de se nomear e representar.

A pergunta central que guia este seminário é: é possível autorepresentar-se em cena? Ou, de forma mais ousada: é possível dizer-se em cena a si mesmo, quando o nosso pacto teatral nos obriga antropologicamente — ou seja, ética e esteticamente — a não sermos nós próprios?

Embora esta segunda pergunta evoque a célebre fórmula isabelina «ser ou não ser» (expressão que costumamos citar ao abordar a questão da identidade no teatro), o projeto de investigação propõe uma alternativa à famosa dúvida shakespeariana: a possibilidade de que talvez também seja possível ser e não ser ao mesmo tempo. Essa é a nossa questão.